

JORNAL: Journal do Brasil LOCAL: Quamabara

DATA: 07/04/1965 AUTOR: Harry Laus

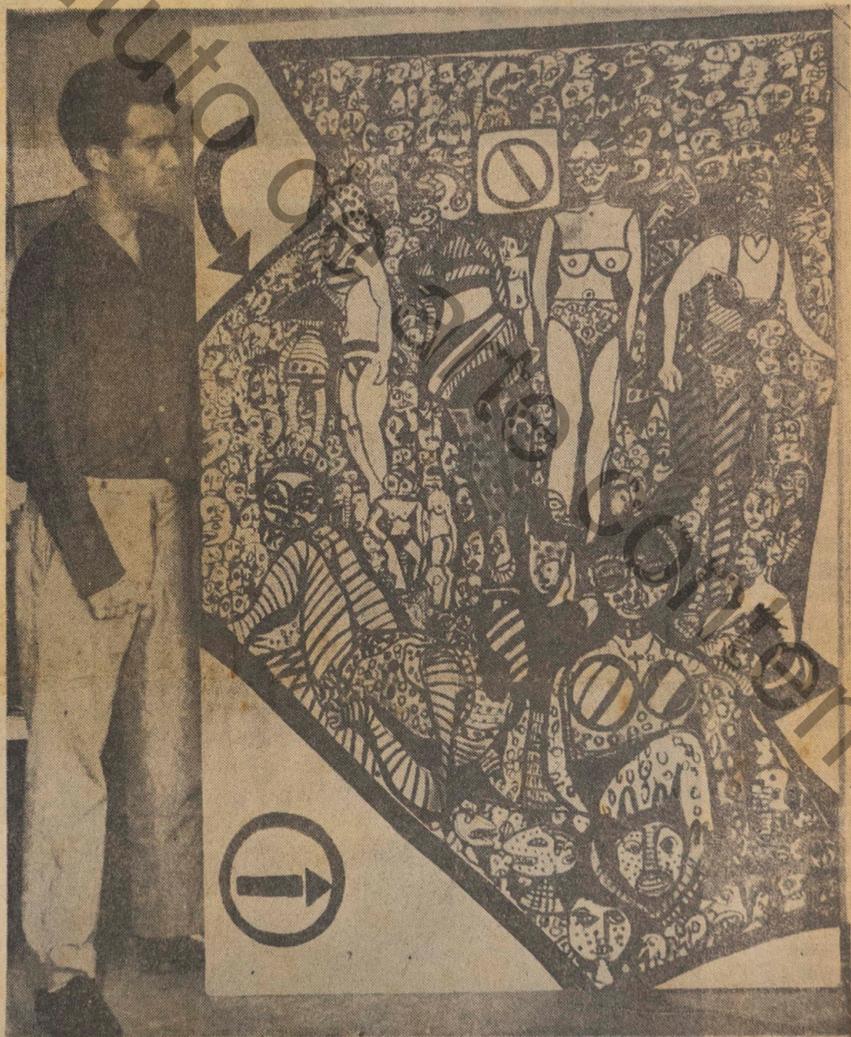
TÍTULO: Visitando Exposições

ASSUNTO: Harry Laus faz breve comentário sobre a exposição de Ivan Serpa.

JB 7-4-65 p. 2



Personagem Extraída do Asfalto, guache sobre cartão, de Rubens Gerschman



Praia, painel de Rubens Gerschman com tinta industrial sobre eucatex

ARTES
HARRY LAUS

VISITANDO EXPOSIÇÕES

O ano do IV Centenário fez com que a temporada das exposições se iniciasse mais cedo, apresentando algumas realmente de nível apreciável.

O Museu de Arte Moderna, por exemplo, no terreno das grandes mostras de artistas brasileiros, escolheu muito bem Ivã Serpa, artista de múltiplas facetas, para romper 1965. Em duas salas estão alinhados trabalhos desde o início de sua produção (há mesmo o primeiro desenho feito pelo artista) até a atual fase de sua obra. Não se trata de uma retrospectiva mas de uma seleção de trabalhos nunca apresentados ao público. Na segunda sala há supremacia de desenhos e telas de grandes dimensões de sua fase expressionista, de grande força dramática, figuras quase sempre solitárias e deformadas em sua muda porém eloquente revolta. Ainda nesta sala, pequenos quadros — uma espécie de fusão entre concretismo e nova figuração —, indicam o novo caminho a que o artista pretende aventurar-se. A mostra de Ivã Serpa, em sua grandiosidade, não pode deixar ninguém insensível ao apelo de compreensão que nos é lançado.

Para quem acha que a abstração está esgotada, recomendamos uma visita à Galeria Goeldi, onde 18 quadros de Yutaka Toyota mostram a maturidade deste artista natural do Japão e residente no Brasil desde 1958, tendo recebido o reconhecimento de seu valor em ambos os países. Em vez de se prender a pequenas variações dos mesmos elementos (quadrados e retângulos que se combinam até a exaustão), como é comum em diversos abstratos que não é difícil citar, Toyota descobre soluções sempre novas, numa capacidade de invenção surpreendente. Vale ainda dizer que essa variedade de formas e conclusões não implica uma desfiguração da unidade. Há sempre a marca do autor, marca inconfundível, levando-nos a fazer uma comparação no terreno da literatura: a exposição de Toyota é uma espécie de livro de contos: histórias diferentes, tratadas pela mesma mão e pensamento, com segurança, garantindo a trademark do autor.

Na Galeria Relêvo, um rapaz de 23 anos

mostra seus guaches, desenhos, litos e painéis. Já tivemos ocasião de nos referir a este artista quando de sua primeira individual na Galeria Vila Rica, em 1964, bem como por ocasião do recente Salão do Artista Jovem. Sua ascensão e seu aprimoramento ultrapassam as previsões que então imaginamos. O crítico Mário Pedrosa o apresenta na presente exposição — o que por si já diz bastante. Eis um trecho: "Neste momento, os meios de que dispõe Gerschman são os que permite uma arte clara e explosiva do dia-a-dia, de extremo vigor narrativo. É que, mais do que um compromisso, está ele envolvido com um tema. Mas esse tema mesmo é mais do que uma temática, é um condicionamento social — o sujeito na multidão urbana." Uma indicação técnica: "É um artista gráfico acima de tudo. Ama a pedra para o lito, a madeira, as superfícies duras, os instrumentos da linha e do traço. Encanta-se com o preto-e-branco; prefere as tintas industriais, a secura de um preto-fósco."

O mosaico, arte das mais antigas, está presente em alguns trabalhos de Freda Jardim expostos na Cantina do Museu de Arte Moderna. Freda é por demais conhecida do público carioca, bem como do estrangeiro, onde seus trabalhos têm grande aceitação. Passou cinco anos na Europa e diplomou-se na Academia de Belas-Artes de Ravena. O nome desta Cidade, por si só, já lembra os mosaicos. Mas Freda introduziu tantas invenções nos processos tradicionais que em vez de mosaico talvez o nome mais próprio para designar seus quadros e painéis fosse relêvo, tão em moda no momento. Ela mesma explica que, a partir de 1956, quando regressou da Europa, começou "a procurar novos materiais na terra, no mar, nas cavernas, nas árvores, nas escórias industriais; usei tijolos, ouro, ossos, cristais. Enfim, procurei em todos os cantos da natureza e usei tudo o que a natureza oferece". Neste terreno é uma pioneira entre nós. Fugindo da superfície lisa do mosaico, bem como alterando o alinhamento e dimensões dos diferentes elementos da composição — sem esquecer a gama dos materiais empregados —, Freda realiza um mosaico (ou relêvo) altamente válido e de grande interesse.